

ENTREVISTA

'Cenário é de reação, não de retração', diz presidente do Simers

A Expodireto Cotrijal 2026 deve ser um marco de retomada de confiança e dos negócios - a avaliação é do presidente do Sindicato da Indústria de Máquinas do Rio Grande do Sul (Simers/RS) e da Federação da Indústria do Rio Grande do Sul (Fiergs), Claudio Bier

Ana Esteves, especial para o JC

Nesta entrevista, Claudio Bier aponta que o setor projeta crescimento moderado em 2026, condicionado à melhoria das concessões de crédito e renegociações de dívidas.

Jornal do Comércio - A Expodireto ocorre em meio a uma nova estígia e alto endividamento no campo. Qual é a expectativa da indústria de máquinas para esta edição?

Claudio Bier - A expectativa da indústria para a Expodireto Cotrijal 2026 é de que, mesmo diante de um cenário desafiador, com estiagens sucessivas e aumento do endividamento rural, a feira funcione como um ponto de retomada de confiança e negócios. Dados recentes apontam que o setor de máquinas vem mostrando sinais de recuperação moderada, com projeção de crescimento em torno de 3,4% para 2026, apesar de um ritmo mais contido que anos anteriores. A feira tem papel central em estimular intenções de compra, consolidar parcerias e sinalizar ao mercado uma retomada resiliente, mesmo em um ciclo de margens apertadas.

JC - O setor projeta retração nas vendas ou acredita em reação impulsionada por renegociações e crédito emergencial?

Bier - O setor não projeta uma retração forte em 2026, mas sim um crescimento moderado, condicionado

à melhoria das condições de crédito e renegociações de dívidas. Ou seja, aposta num cenário de reação, não de retração, desde que políticas de crédito e mecanismos de renegociação sejam reforçados.

JC - O acesso ao crédito é hoje o principal entrave para a comercialização de máquinas?

Bier - Sim, a principal barreira continuamente destacada pelas indústrias e distribuidores é justamente o custo e a disponibilidade de crédito rural. Mesmo com amplo volume de recursos anunciados no Plano Safra, as taxas de juros, especialmente para linhas de maior valor agregado, ainda penalizam o investimento em máquinas de porte elevado e tecnologia embarcada. Enquanto não houver melhoria substancial nas condições de crédito, com taxas compatíveis com a realidade da agricultura moderna, o acesso ao crédito continua sendo o principal entrave para a comercialização de máquinas.

JC - Que tipo de política pública ou linha de financiamento o setor considera fundamental neste momento?

Bier - Políticas públicas e linhas de financiamento que aumentem a oferta e reduzam o custo do crédito rural, como a ampliação de recursos e subsídios no Plano Safra, linhas com taxas de juros reais mais baixas. Além disso, defendemos políticas que facilitem renegociações e securitização de dívidas rurais, programas que aliviem o passivo de produtores com histórico de endividamento elevado, assim como estruturas que permitam alongar e refinanciar dívidas, sem sufocar o fluxo de caixa. Também iniciativas de incentivo à inovação e eficiência tecnológica. As linhas de crédito específicas para agricultura familiar e médias propriedades, também são bem-vindas.

JC - A securitização ou prorrogação de dívidas pode destruir investimentos em tecnologia?

Bier - Sim, fortemente. A securitização e a prorrogação responsável de dívidas podem atuar como mecanismos relevantes para destruir capacidade de investimento dos produtores. Quando eles conseguem reorganizar seu passivo, sem comprometer drasticamente seu fluxo financeiro, há maior margem para compra de máquinas modernas e tecnologia embarcada.



Bier aponta que acesso ao crédito continua sendo entrave à comercialização de máquinas



expodireto COTRIJAL

9 a 13 de março de 2026

O movimento de quem acredita no campo.

Patrocínio:

ouro



prata



bronze



